

O mouro e o cristão na tradução alemã da *Diana* de Montemayor – Desmarcando fronteiras

Stéfano Paschoal*

RESUMO: Nesta breve discussão pretende-se demonstrar como ocorre a caracterização do mouro e do cristão numa história contida na obra *Die Bücher der Schönen Diana*, de Jorge de Montemayor (*Los siete libros de la Diana*), escrita em 1559, em espanhol, e traduzida para o alemão por Johann Ludwig von Kuffstein, em 1619. A história cuja tradução discutiremos intitula-se “História do Abindarráez” e foi inserida no final do quarto livro da obra de Montemayor na edição de 1561, de Valência. As adaptações decorrentes do processo de imitação e emulação – vigentes na tradução na Alemanha no século XVII – permitiram ao tradutor criar espaços intermediários para a acomodação de conceitos de outras culturas na cultura alemã. Após breve análise histórica, demonstraremos como as diferenças entre o mouro e o cristão, fortemente marcadas na “História do Abindarráez”, são diluídas na tradução alemã, o que exigirá a discussão sobre tradução na Alemanha do século XVII.

PALAVRAS-CHAVE: Tradução, emulação, Alemanha, século XVII.

ABSTRACT: In this brief discussion we intend to demonstrate the process of characterization of two figures: a moor and a Christian, in a history from Jorge de Montemayor's *Die Bücher der Schönen Diana* (*Los siete libros de la Diana*), written in 1559 in Spanish and translated into German by Johann Ludwig von Kuffstein in 1619. The history whose translation will be discussed is the History of Abindarráez and was inserted at the end of Montemayor's fourth book of Diana up 1561, in the edition of Valencia. The adaptations originated by the process of imitation and emulation – present in translation in 17th Century Germany – allow the translator to create intermediate loci for the accommodation of foreign cultural concepts in the German culture. After a brief historical analysis, we demonstrate

* Doutor em Letras, Estudos da Tradução, na área de Língua e Literatura Alemã, pela Universidade de São Paulo, professor assistente da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), campus de Marechal Cândido Rondon (PR).

how the differences between the moor and the Christian – an emphasis in the History of Abindarraez – are diluted in the German translation, what requires also some discussions about translation in 17th Century Germany.

KEYWORDS: Translation, emulation, Germany, 17th Century.

Introdução

Uma das maiores obras de que se têm notícias no século de ouro espanhol, pelo menos no tocante ao “gênero” pastoril, é o romance – considerado novela por alguns teóricos – *Los siete libros de la Diana* (1559) de Jorge de Montemayor, português de nascimento que escreveu sua obra em espanhol.

A *Diana* de Montemayor é considerada uma obra inacabada, pois as tramas amorosas propostas pelo autor não se resolvem em sua primeira parte. Montemayor morreu antes de escrever a prometida segunda parte, que foi continuada por outros escritores: Alonso Pérez, responsável pela versão publicada em 1563, e Caspar Gil Polo, pela versão de 1564. A obra é, assim, composta de três partes. Merece destaque a de Caspar Gil Polo que, ao que parece, foi a que mais bem cumpriu a função de continuador de Montemayor e que agradou ao público. Veja-se:

Montemayor died before writing the promised sequel to Los siete libros de la Diana. The success of Spain's first pastoral romance prompted several continuations by other authors, however. In 1563, Alonso Pérez's Segunda Parte de la Diana de Jorge de Montemayor appeared in Valencia. A year later, Gaspar Gil Polo's Diana enamorada appeared in the same city [...] Of the two continuations, only Gil Polo's Diana enamorada has survived and retained interest for the modern reader. (Mujica, 1986, p.143)¹

Os romances pastoris que antecedem a escritura e publicação da *Diana* (1559) de Montemayor são a *Arcadia* (1502) de Jacopo Sannazzaro (1458-1530) e *Menina e moça* (1554), de Bernardim Ribeiro (1482?-1552?), sendo o pri-

¹ “Montemayor morreu antes de escrever a continuação prometida para *Los siete libros de la Diana*. O sucesso do primeiro romance pastoril espanhol, no entanto, ocasionou várias continuações de outros autores. Em 1563, apareceu em Valência a *Segunda parte de la Diana de Jorge de Montemayor*, de Alonso Pérez. Um ano mais tarde, apareceu, na mesma cidade, *Diana enamorada*, de Caspar Gil Polo. [...] Das duas continuações, apenas a *Diana enamorada*, de Gil Polo, sobreviveu e manteve interesse para o leitor moderno.” As traduções são minhas.

² “Dois romances pastoris precedem o de Montemayor, e ambos também são incluídos neste estudo. A *Arcadia* de Sannazzaro estabeleceu o gênero no início do século XVI e é reconhecida desde o tempo de sua publicação como protótipo. O primeiro romance pastoril a aparecer na Espanha foi uma tradução espanhola da obra de Sannazzaro.”

³ “Jacopo Sannazzaro foi o precursor do idílio pastoril em prosa e verso não somente em sua Itália nativa, mas também no restante da Europa. O primeiro romance pastoril a aparecer na Espanha foi uma tradução do italiano. As edições espanholas da *Arcadia* de Sannazzaro apareceram em Toledo em 1547 e 1549, e traduções posteriores apareceram em Madri e Salamanca. [...] Mas foi a *Arcadia* de Sannazzaro o modelo principal para o novo gênero literário espanhol.”

meiro mais relevante em termos de influência. Sua importância, contudo, não se deve apenas a ter influenciado a obra de Montemayor, mas também à sua inovação formal. Da Antiguidade Clássica, temos notícia de três obras que podem ser incluídas no “gênero pastoril”: *Idílios*, *Bucólicas* e *Dáfnis e Cloé*, respectivamente de Teócrito (310 a.C.-250 a.C.), Virgílio (70 a.C.-19 a.C.) e Longo (século II ou III d.C.), as duas primeiras obras em verso e, a última, em prosa, considerada “romance pastoril”. Ressalte-se que Longo é considerado o “fundador” do romance pastoril. A inovação formal de que falamos há pouco se relaciona ao fato de Sannazzaro mesclar, em sua obra, prosa e verso, algo que marca consideravelmente o desenvolvimento do romance pastoril na Europa ocidental a partir da Renascença, o que se vê em:

Two pastoral romances precede Montemayor's, both of which are also included in this study, Jacopo Sannazzaro's Arcadia established the genre early in the sixteenth century and has been recognized from the time of its publication as the prototype. A Spanish translation of Sannazzaro's work was the first pastoral romance to appear in Spain. (ibidem, p.9)²

E em:

Jacopo Sannazzaro was the initiator of the pastoral idyll in prose and verse not only in his native Italy, but also in the rest of Europe. The earliest pastoral romance to appear in Spain was a translation from the Italian. Spanish editions of Sannazzaro's Arcadia appeared in Toledo in 1547 and 1549 and later translations appeared in Madrid and Salamanca. [...] But it was Sannazzaro's Arcadia that provided the principal model for the new Spanish literary genre. (ibidem, p.11)³

Ainda que o principal modelo para o novo gênero literário espanhol tenha sido o romance de Sannazzaro, Montemayor o assimila de uma forma peculiar, “aperfeiçoando” o gênero ou, ao menos, dando a ele características até então desconhecidas:

The first pastoral romance written in Spanish is Montemayor's Siete Libros de la Diana, published in 1559. La Diana differs significantly from its Italian and Portuguese predecessors in terms of character development. Unlike Sannazzaro and Ribeiro, Montemayor attempted to create a novelistic world in which each character would function individually as a separate, recognizable entity and, at the same time, interrelate with other character. In order to achieve this, Montemayor limited his characters to a mere few who are bound together by a common, clearly defined problem: unrequited love. In La Diana love functions as a catalyst that causes the character to act and react. As each character describes his personal experiences with reference to this one constant, he or she acquires depth and credibility as an individual. (ibidem, p.11)⁴

A *Diana* de Montemayor compõe-se de sete livros. A trama principal envolve Diana e Sireno e não se resolve na primeira parte (que contém os sete livros). Trabalharemos, neste artigo, de forma específica, com a “História do Abindarráez”, inserida no final do quarto livro a partir da edição de Valência, de 1561. Já no palácio da sábia Felícia, para onde pastores e pastoras, acompanhados de ninfas, se dirigiram para buscar remédio para seus males de amor, uma das pastoras (Felismena), a pedido de Felica, narra a história em questão. Trata-se de uma novela com um personagem mouro (portanto, muçulmano) e outros cristãos. Analisaremos o tratamento de características que servem para demarcar fronteiras entre Abindarráez, mouro, e Narváez, cristão, na tradução alemã de Kuffstein, que contém adaptações (em sua maioria, subtrações) advindas de seu procedimento de tradução, marcado predominantemente pela emulação (base retórica).

A história de Abindarráez

Nesta seção, será apresentado um breve resumo da “História do Abindarráez”.

No tempo de Dom Fernando, que depois foi rei de Aragão, houve na Espanha um cavaleiro chamado Rodrigo

⁴ “O primeiro romance pastoril escrito em espanhol foi *Los siete libros de la Diana*, de Montemayor, publicado em 1559. A *Diana* difere consideravelmente de seus predecessores italiano e português no que diz respeito ao desenvolvimento de personagens. Diferentemente de Sannazzaro e de Ribeiro, Montemayor tentou criar um mundo novelístico em que cada personagem devesse agir individualmente, como uma entidade separada, reconhecível e, ao mesmo tempo, inter-relacionar-se com outros personagens. Para alcançar isso, Montemayor limitou seus personagens a alguns poucos, que compartilham um problema comum e claramente definido: o amor não correspondido. Na obra *Diana*, o amor funciona como um catalisador que determina as ações e reações das personagens. Uma vez que cada personagem descreve suas experiências pessoais com referência a esta única constante, ele ou ela adquire profundidade e credibilidade como indivíduo.”

de Narváez, conhecido tanto nos tempos de paz quanto nos de guerra. A ele foram concedidas as cidades de Antequera e Alora, para a defesa das quais escolheu cinquenta fidalgos, a mando do rei.

Numa noite clara de verão, já que gostava sempre de empreender algum ofício, evitando assim a ociosidade, o alcaide Narváez partiu com nove cavaleiros para uma ronda, em que vigiariam as fronteiras entre terras de cristãos e mouros, confinadas à sua guarda.

Logo esses cavaleiros alcançaram uma parte do caminho em que havia uma bifurcação e, assim, resolveram se dividir em dois grupos, seguindo cada qual por um lado diferente.

Os cavaleiros do grupo em que não estava Narváez ouviram canções de lamento amoroso de um mouro, e o atacaram. Foram, todavia, derrotados. Durante a luta, tocaram a trombeta, ao som da qual se juntaram a eles Narváez e os outros quatro cavaleiros.

Narváez impressionou-se com a destreza do mouro nas lutas e, cordialmente, convidou-o para lutar, vencendo-o.

Segundo o que cantara o mouro, ele nascera em Granada, criara-se em Cartama, vivera na fronteira com Alora e apaixonara-se por uma dama em Coyn.

Narváez, inconformado com a apatia do prisioneiro, questionou-o, ao que ele pediu que os outros cavaleiros fossem afastados para que pudesse narrar sua dramática história de amor. Seu nome era Abindarráez e descendia dos abençarrages de Granada, que no passado haviam empreendido um golpe contra o rei e, uma vez descobertos, foram mortos impiedosamente. Dessa linhagem de abençarrages, apenas o pai e o tio desse mouro não foram mortos, uma vez que não haviam participado da conjuração contra o rei. Segundo a ordem do rei, eles poderiam continuar a viver na cidade, mas, caso viessem a ter filhos, deveriam enviá-los para que se criassem fora dali. Todos os outros, além de mortos, tiveram os bens confiscados e foram amaldiçoados.

Abindarráez, depois de nascido, foi enviado ao alcaide de Cartama (cidade de cristãos), grande amigo de seu pai. Foi criado junto com a filha desse alcaide, Xarifa, por quem se apaixonou. Embora criados como irmãos, descobriram que não tinham parentesco e resolveram assumir seus amores. Nesse mesmo tempo em que assumiram seus amores, o rei de Granada ordenou ao pai de Xarifa que ele fosse para Coyn e que o mouro ficasse sob a tutela do próximo alcaide de Cartama.

Depois de trocadas juras de amor entre Xarifa e Abindarráez no momento de despedida, ela prometeu a ele que, assim que possível, mandaria chamá-lo para que se reencontrassem, e aquele era justamente o dia do ocorrido: de manhã viera uma criada de Xarifa avisá-lo para ir ao seu encontro, o que ele fazia quando surpreendido pelos cavaleiros de Narváez.

Narváez, comovido com o que ouvira, permitiu ao mouro visitar sua amada, com a condição de que se apresentasse em três dias para se fazer prisioneiro.

O mouro seguiu viagem e encontrou-se com Xarifa. Passada a satisfação do reencontro, deitados um ao lado do outro, o mouro retorceu-se num suspiro, que provocou a desconfiança de Xarifa de que havia algo de errado. O mouro explicou a ela o ocorrido.

Xarifa colocou à disposição de Abindarráez toda a riqueza de seu pai, o que ele recusou. Ele havia dado a palavra a Narváez, e devia voltar para fazer-se prisioneiro. Xarifa, inconformada, seguiu seu amado para entregar-se junto com ele a Narváez.

Ao se apresentarem a Narváez, foram cortesmente recebidos e a coragem de ambos foi elogiada. Narváez providenciou a eles um lugar para que dormissem, bem como alguém que curasse as feridas do mouro.

Abindarráez disse a Narváez que ele e Xarifa temiam a reação de seu pai que, naquele momento, não sabia do ocorrido e estava com o rei de Granada, de quem Narváez era muito amigo.

Narváez, muito generoso, escreveu uma carta ao rei de Granada, interferindo em favor do casal. O rei de Granada, por sua vez, ordenou ao pai de Xarifa que perdoasse a filha e que aceitasse Abindarráez como filho, o que ocorreu: os dois se casaram e houve uma grande festa.

A história encerra-se com a narração das cortesias de Xarifa e de Abindarráez para com Narváez.

Bom samaritano?

Tanto no original quanto na tradução, o fundo moralizante da “História do Abindarráez” é bastante claro: a personagem cristã (Narváez) possui as mesmas características do *bom samaritano*. Na batalha entre o mouro e o cristão, além da vitória de Narváez, ele se comove pela dor do inimigo e o “adota”, proporcionando a ele um verdadeiro paraíso, na medida em que lhe oferece a possibilidade de viver ao lado de sua amada. Intervenções na Corte de Granada, cartas para o rei, submissão do pai de Xarifa à vontade do mouro, tudo isso são resultados da interferência do bom cristão pelo mouro desolado.

Na Espanha, ocupada pelos mouros do século VII ao XV, e de onde os mouros foram expulsos, não é de estranhar que as marcas definidas entre cristão/não cristão sejam claramente expressas e fortemente demonstradas, especialmente se levarmos em conta que a obra de Montemayor foi escrita num período em que a Igreja católica necessitava propagar a bondade do cristão católico – talvez o início de sua defesa dos efeitos destrutivos de um fenômeno social e religioso ocorrido na Europa há menos de cinquenta anos de sua publicação: a Reforma Luterana.

O mouro é caracterizado como fraco (chora, humilha-se, entrega-se como prisioneiro etc.): um preconceito a se difundir.

A tradução de Kuffstein não apaga essas marcas, porque é fiel ao texto original. Contudo, recria um ambiente em que a “marcação” entre quem é cristão e quem não o é não ocorra de forma, se não exagerada, repetitiva.

Literatura hispânica na Alemanha no século XVII: breve panorama político

Não restam dúvidas de que a tradução da *Diana* de Montemayor e sua recepção na Alemanha cooperaram para a escritura do romance pastoril *Die Schäfferey der Nymphen Hercinia* (1630), de Martin Opitz (1597-1639). A existência de academias ou sociedades linguísticas (*Sprachgesellschaften*) na Alemanha no século XVII é uma prova contundente do movimento cultural de cultivo da língua nesse país. Um de seus principais objetivos era formar uma literatura alemã capaz de “concorrer” com a literatura de países vizinhos. Assim, não apenas a tradução da *Diana*, mas de diversas outras obras da literatura hispânica (e também de outras literaturas) ocorria de forma programada – eram o objeto de apropriação a partir do qual seria possível formar a literatura alemã escrita em alemão no século XVII, sobre o que falaremos mais tarde.

Vejamos a seguir como eram as relações entre Alemanha e Espanha à época do grande fluxo de tradução de obras hispânicas:

Durch die Vereinigung der Königreiche Aragonien und Kastilien (1479) wird Spanien zu einer Amt, die bis in die vierziger Jahre des 17. Jahrhunderts entscheidenden Einfluß auf Politik und Kultur in Europa ausübt. In Deutschland wächst sein Ansehen mit der Kaiserkrönung Karls V. in Aachen (1520) und hält sich über den Untergang der Armada hinweg vor allem am Wiener und Münchner Hof bis zum Tode Leopolds I (1705). Die Habsburgischen Kaiser des 16. Jahrhunderts machen Wien zu einem Zentrum spanischer Sitten. Spanische Tracht und spanisches Hofzeremoniell sind vor dem Dreißigjährigen Krieg auch sonst in Deutschland weit verbreitet. Über Bekleidung und Galanterie im Umgang mit Damen erstreckt sich diese Wirkung bis auf die Sprache. (Hoffmeister, 1973, p.15)⁵

Tradução na Alemanha no século XVII

A *Diana* de Montemayor foi, conforme dito anteriormente, traduzida por Johann Ludwig Kuffstein em 1619,

⁵ “Mediante a unificação dos reinos de Aragão e Castilha (1479), a Espanha adquire uma posição capaz de exercer influência decisiva na política e cultura europeias até os anos 40 do século XVII. Na Alemanha, seu prestígio aumenta com a coroação do imperador Carlos V em Aachen (1520) e mantém-se até depois da Queda da Armada, especialmente nas cortes de Viena e de Munique, até a morte de Leopoldo I (1705). Os imperadores Habsburgo no século XVI transformam Viena num centro de costumes hispânicos. Trajes espanhóis e cerimoniais de Corte à moda espanhola crescem também na Alemanha antes da Guerra dos Trinta Anos. Passando pelos modos de vestir e pela galanteria no proceder com as damas, esta influência atinge também a língua.”

⁶ “Nenhuma outra disciplina deveria ter sido afetada tão diretamente por causa da luta pelo reconhecimento e cultivo da língua materna como a Retórica, pois essa era transmitida em *exempla*, temas e métodos, com um todo inteiramente latino. Considere-se a ruptura de sucesso com a poesia alemã dos eruditos, alcançada pela geração de Opitz com triunfal dignidade e orgulho nacional, e reflita-se, além disso, sobre o forte engajamento de pedagogos reformistas, que postulavam aulas em língua materna – depois disto, é praticamente inacreditável constatar que a Retórica tenha permanecido em latim.”

um ano após ter eclodido na Europa a Guerra dos Trinta Anos (1618-1648).

Para compreendermos alguns dos procedimentos de tradução de Kuffstein, é pertinente que listemos alguns fatores cruciais que serviram para definir a forma de se traduzir na Alemanha no século XVII.

Os procedimentos de tradução, ou, ainda, a forma de se traduzir na Alemanha no século XVII estão intimamente ligados à escolarização de base retórica. Da Retórica, que segundo a divisão clássica é composta de *inventio*, *dispositio*, *elocutio*, *memoria* e *actio* ou *pronuntiatio*, o mais importante para as formas de se traduzir na Alemanha no século XVII é a *imitatio*, uma técnica utilizada para se absorver conteúdos e formas das literaturas de outras línguas.

Vale dizer que os estudos de base retórica, em princípio (nos séculos XV, XVI e em boa parte do século XVII) estavam em função da língua latina, passando a ser aplicados à língua alemã apenas posteriormente:

Kaum ein Unterrichtsfach mußte von dem Kampf um Anerkennung und Pflege der Muttersprache so unmittelbar betroffen werden wie die Rhetorik. Denn diese Disziplin war in exemplarischen Themen und Methoden als ein durch und durch lateinisches Ganzes tradiert worden. Vergegenwärtigt man sich den von der Opitz Generation mit triumphalem Selbstbewußtsein und nationalen Stolz vollzogenen Durchbruch zur deutschsprachigen Gelehrtdichtung, bedenkt man weiterhin das leidenschaftliche Eintreten der Reformpädagogen für einen muttersprachlichen Unterricht, so scheint es geradezu ungläubhaft, wenn man feststellen muß: die Rhetorik blieb lateinisch. (Barner, 2002, p.249)⁶

Ao se falar em imitação, é necessário levar em conta:

Der Versuch einer systematischen Kategorisierung von Imitatio bzw. mimesis muß von mindestens drei Imitatio-Konzepten ausgehen: von der künstlerischen Nachahmung von Wirklichkeit, d.h. außerrhetorischer Realität, von der rhetorischen bzw. künstlerischen Nachahmung von Texten, d.h., literarischer Realität (wobei "Texte" und "literarisch" im weitesten Sinne zu verstehen sind, also auch Nachahmung von Werken

der bildenden Kunst und der Musik mitbegriffen ist), und von der moralischen Nachahmung vorbildlicher Menschen, was literarisch (z.B. der vergilische Aeneas als Muster für pietas) wie nichtliterarisch vermittelt sein kann, wobei letzteres nicht mehr in den Bereich der Kunst fällt, sondern in den der Ethik. (ibidem)⁷

Ao apontarmos as adaptações utilizadas por Kuffstein, na tradução dessa história, referir-nos-emos à imitação artificial ou retórica de textos literários, que permeia a tradução da obra de Montemayor.

A escolarização retórica de que falamos, presente em colégios e universidades, fornecia aos alunos modelos que deveriam servir de base para a escritura de seus textos e, também, de suas obras. Veja-se:

Auf allen Stufen des Unterrichts gehen diese nebeneinander her: das Lehrbuch enthält die praecepta, die Regeln; auf allen Stufen wird das Lehrbuch der Grammatik gebraucht, auf den oberen kommen dazu Lehrbücher der Poesie, der Rhetorik und der Dialektik. Die Lektüre der Autoren bietet die exempla, Musterbeispiele jeder Art schriftstellerischer Darstellung; der Unterricht zeigt an ihnen die Bedeutung der Regeln, der grammatikalisch-stilistischen, wie der poetisch-rhetorischen. Sie dient dem Schüler zugleich, Wörter, Wendungen und Gedanken auszuwählen, die er, um sie zu merken, in seine Adversariabücher einträgt. Die imitatio endlich ist das Ziel des ganzen Unterrichts: der Schüler übt sich, an Hand der Regeln des Lehrbuchs, mit dem Material, das ihm die Lektüre zuführt, ähnliche Kunstwerke der Rede zu komponieren, als die klassischen Autoren sie darbieten. (Paulsen apud Dick, 1966, p.9)⁸

Ocorre que, por motivos sociais e políticos, o programa de imitação nas aulas de retórica não ficou restrito aos colégios e universidades: compunha a técnica utilizada pelos eruditos que compunham as academias ou sociedades linguísticas para que se apropriassem da literatura alheia, num processo cultural de criação de espaços intermediários para acomodar conceitos de outras culturas, porém sempre com o intuito de produzir algo próprio, peculiar, nesse caso, alemão.

⁷ “A tentativa de uma categorização sistemática de imitatio ou mimesis deve partir de pelo menos três conceitos de imitatio: da imitação artificial da realidade, isto é, realidade extraliterária; da imitação retórica ou artificial de textos, isto é, da realidade literária (em que ‘textos’ e ‘literária’ devem ser entendidos no sentido mais amplo possível; portanto também imitação de obras das Artes Plásticas e da Música inserem-se aí); e da imitação moral de pessoas exemplares, o que pode ser transmitido de forma literária ou não literária (por exemplo, o Aeneas de Virgílio como modelo para a pietas), e este último não se enquadra mais no âmbito das Artes, mas sim no da Ética.”

⁸ “Em todos os níveis de aula, essas três coisas caminham paralelamente: o livro didático contém os praecepta, as regras; em todos os níveis utiliza-se o livro de Gramática, e nos níveis superiores, além desse, os de Poesia, de Retórica e de Dialética. A leitura dos autores fornece os exempla, exemplos-modelo de todas as formas de representação escrita; a aula indica, com base neles, o significado das regras – das gramaticais e estilísticas, bem como das poéticas e retóricas. Essa leitura serve ao aluno para que ele selecione, ao mesmo tempo, palavras, expressões e pensamentos, que ele, para fins de memorização,

registra em seus livros de notas. Por fim, a imitatio é o objetivo da aula toda: com o material que lhe fornece a leitura, auxiliado pelas regras do livro didático, o aluno exercita-se em compor obras-primas do discurso tais quais as fornecidas pelos modelos de autores clássicos.”

⁹ “Desde 1500, a aemulatio veterum tornou-se um programa estilístico e literário dos modernos, que no início voltava-se de forma polêmica contra o estilo clássico dos puristas ciceronianos. A aemulatio implicou daí em diante o comprometimento das inovações e o desejo pela expressão subjetiva. A justificativa teórico-estilística e psicológica da síndrome da superação (H. J. Lang) preparou o terreno para o desenvolvimento das literaturas de línguas nacionais em concorrência com a poesia neolatina.”

Não foi, contudo, uma ideia surgida nas academias ou sociedades linguísticas a emulação. Já há muito tempo que a imitação, nas aulas de Retórica, era feita de forma criativa e criadora. Assim, a expressão imitatio veterum (imitação dos mais velhos) passa a aemulatio veterum (emulação dos mais velhos), no sentido tanto de alteração como de superação. Veja-se:

Seit 1500 wurde die Aemulatio veterum zum Programm stilistischer und literarischer Neuerer, das sich anfangs polemisch gegen den Stilklassizismus der puristischen Ciceronianaer richtete. Aemulatio implizierte fortan das Bekenntnis zur Innovation und den Wunsch nach subjektivem Ausdruck. Die stilltheoretische und psychologische Begründung des Überbietungssyndroms (H.J.Lang) ebnete der Entwicklung der nationalsprachlichen Literaturen in Konkurrenz zur neulateinischen Dichtung den Weg. (Ueding, 1992, v.1, p.143)⁹

Conforme podemos observar, é justamente a aemulatio que “prepara o terreno” para o desenvolvimento das literaturas de línguas nacionais, ocorrido com determinado atraso na Alemanha (se comparado, por exemplo, ao da Itália, da França, da Espanha, da Inglaterra e da Holanda). A aemulatio compõe, via de regra, o postulado das sociedades linguísticas: desenvolver, criar uma literatura de língua alemã que permita, ao mesmo tempo, a equiparação às literaturas de países vizinhos e a fundação de um instrumento de identificação cultural comum aos povos de língua alemã.

É a característica de criativa e criadora da aemulatio que permitiu aos eruditos alemães – não apenas aos que pertenciam às sociedades linguísticas – por meio de traduções, que “imitassem” os conteúdos e as formas de obras clássicas e renascentistas no século XVII e que, além disso, variassem os conteúdos e formas das obras traduzidas por meio de adaptações, num processo de apropriação, para torná-las suas, constituindo, assim, sua literatura. Podemos ver um dos preceitos da tradução na Alemanha no século XVII em:

Gleichwie ein junger Freier, der in fremde Länder reiset, bemühet ist, seiner hinterlassenen Liebsten mancherlei zierliche Seltsamkeiten einzukramen und mitzubringen, also soll ein Liebhaber unsrer übertrefflich schönen Muttersprache sich befließen, alles, was er in fremder Sprachen Bücher begegnet, dem vielgeliebten Vaterlande, welches vielleicht solches nicht gesehen, zu überbringen, und zwar nicht nur dem Inhalt, sondern der Verfassung zierlich nachahmen, zu Belemung der Unwissenden und Ausschmückung hochgesagter Sprache. Solches muß mit Verstand und so viel dienlich und tunlich beschehen. (Harsdörffer, 1939, p.47-8)¹⁰

A concepção de tradução de Harsdörffer, apresentada aqui, resume, em parte, como eram (ou como deveriam ser) realizadas as traduções na Alemanha no século XVII. Já que trabalharemos com trechos de uma obra traduzida antes do surgimento da poética de Harsdörffer, convém informar que o processo descrito por ele nesse trecho pode ser considerado uma síntese do pensamento da época, e não se inicia com ele; ou seja, a forma de Kuffstein traduzir assemelha-se à descrita na concepção de Harsdörffer. Conforme visto anteriormente, a *aemulatio veterum* passou a ser utilizada como forma de tradução já em 1500, portanto, no século XVI. O que diferencia as formas de tradução do século XVI para o XVII é que, neste último, a ênfase da Retórica recai sobre a *elocutio*, que, por sua vez, é praticamente reduzida ao *ornatus*.

Na próxima seção, vamos nos ater à re- ou transcrição de uma personagem na tradução de Kuffstein, a partir de alguns exemplos.

Algumas representações de Abindarráez na tradução de Kuffstein

Por meio de cinco exemplos de trechos traduzidos da *Diana* de Montemayor por Kuffstein, apontaremos procedimentos utilizados na tradução que recriam a personagem de Abindarráez. Na Alemanha no século XVII, conforme explicitado na seção anterior, a forma de traduzir

¹⁰ “Da mesma forma como um jovem enamorado que viaja ao exterior encoraja-se a trazer consigo várias singularidades graciosas ao amor deixado para trás, deve um amante de nossa excepcionalmente bela língua materna esforçar-se por trazer à sua mui amada pátria tudo o que encontrar em livros escritos em outras línguas, e que talvez lhe sejam desconhecidos. Deve ainda esforçar-se para imitar elegantemente não apenas o conteúdo, mas também a condição para o aprendizado do desenvolvimento e das formas de ornamentação desta língua. Tudo isso deve ocorrer com discernimento e, em qualquer hipótese, de forma útil e oportuna.”

resumia-se, em parte, na emulação dos originais. Dentre as adaptações decorrentes do processo emulativo, o tradutor tinha a liberdade de adicionar ou subtrair termos do original. Nesse caso específico – o da caracterização do Abindarráez –, vamos deparar, na maioria das vezes, com *detracciones*, ou seja, subtrações de informações a respeito da personagem. Convém notar que são subtraídas sempre as mesmas informações, ou seja, informações pertencentes a um mesmo campo semântico. Na verdade, as subtrações, aqui, não apagam marcas da personagem, elas apenas amenizam uma marcação exagerada existente no original. Abindarráez, no texto traduzido, não deixa de ser mouro (não cristão), nem deixa de ser fraco. Apenas não existe para o leitor da tradução uma sinalização excessiva, como se fosse necessário, a qualquer custo, mostrar que o “fraco”, o “perdedor” é o mouro, ainda beneficiado pela piedade de um cristão (Narváez).

Listaremos os cinco exemplos selecionados e depois traçaremos os comentários pertinentes a eles.

Primeiro exemplo:

[...] *los quales con el buen gobierno de su capitán emprendían muy valerosas empresas en defension de la fé christiana, saliendo con mucha honra dellas, y perpetuando su fama con los señalados hechos que en ellos hazían.* (Los siete libros de la Diana, p.204)

[...] *die dann durch Anführung eines so firtrefflichen Hautps / unzählich viel rühmlicher Straff und Thaten / Ritterlich und Glücklich vollendeten / daher bey Freunden und Feinden hoch geachtet wurden.* (Die Bücher der Schönen Diana, p.162)

Segundo exemplo:

[...] *mas el valiente moro que en semejantes cosas era esperimentado (aunque entonces el amor fuisse señor de sus pensamientos) no dexó de bolver sobre si con mucho ánimo, y con la lança en la mano, comienza a escaramuchar con todos los cinco christianos, a los quales muy en breve dió a conocer que no era menos valiente que enamorado.* (Los siete libros de la Diana, p.205)

[...] von welchem sie aber / ungehindert er von der Lieb gefangen ward / demassen Mannlich empfangen wurden / daß sie bald seine so Ritterliche Hand / als verliebtes Hertz spüren könnten. (Die Bücher der Schönen Diana, p.163)

Terceiro exemplo:

El valeroso Narvaez deseava la victoria, porque la valentia del Moro le acrescentava la gloria que con ella esperaba. (Los siete libros de la Diana, p.206)

Der Obrist von Narvaeß stritte mit gewaltiger Dapfferkeit / als deme an diesem Siege viel gelegen ware. (Die Bücher der Schönen Diana, p.164)

Quarto exemplo

[...] y Alá me la quite si yo en algun tiempo tuviere sin ella otra cosa que me dé contento. (Los siete libros de la Diana, p.210)

Trecho não traduzido.

Quinto exemplo

[...] comencé en lengua Arabiga a cantar esta canción, en la qual le dí a entender toda la crueldad que della sospeçtava: [...]

[...] dero besorgende Hartigkeit und eingebildete Ungnad / so gut ich in eil vermochte / jhr zu verstehen zu geben / nam demnach meine Lauten / so in einem Sommerhauß diß Gartens stetigs zuligen pflegte / und sunge darein folgendes Liedlein: [...]

Logicamente, se nos propuséssemos a uma análise de tradução de todos esses exemplos, não discorreríamos apenas sobre a amenização das características de não cristão do mouro na versão traduzida. Nos cinco trechos apresentados – embora sejam relativamente curtos – há muito mais o que observar numa análise cultural ou filológica, como o “*buen gobierno de su capitán*” (“bom governo de seu capitão”) no primeiro trecho, e sua tradução por “*Anführung eines so fürtrefflichen Haupts*” (“governo de um capitão tão

perfeito”). No entanto, por questões de delimitação e de atendimento à proposta inicial, discutiremos apenas as alterações referentes à caracterização de Abindarráez como mouro na versão traduzida. Por questões de ordem comparativa, os trechos do original também foram transcritos.

No primeiro trecho transcrito, percebemos a subtração de “*en defension de la fé christiana*” (“em defesa da fé cristã”). É a primeira marca decorrente da oposição cristão/não cristão na história do Abindarráez, e não é traduzida. Conforme vimos na seção sobre procedimentos de tradução, o tradutor, por meio da emulação, tem liberdade para omitir termos do original, embora não o tenha feito por mera liberdade. Cremos que seu procedimento tenha sido consciente e que encontre suas bases – nesse trecho *in específico* – em julgar desnecessária a informação para o leitor alemão de sua época, pois a “marca” aí contida tem como precedente a história política da Espanha. O tradutor não pretende apagar as marcas da história política da Espanha, num processo radical que comprometeria a originalidade da obra. Contudo, o “ranço” entre cristãos e não cristãos – provavelmente conhecido pelos leitores de língua alemã do século XVII – não encontraria sentido na tradução alemã, pois, num programa de apropriação e de transformação de um texto original, que visa à formação de uma literatura com características próprias, não cabe, realmente, a repetição de peculiaridades da cultura ou língua de que se parte. O processo de apropriação e transformação não deturpa o texto, uma vez que suas marcas “gerais” são mantidas. Poderíamos pensar numa adaptação “radical”, comprometedora do texto original, se Kuffstein, por exemplo, tivesse substituído Abindarráez e Narváez, por exemplo, por um adepto da Reforma Luterana e um contrarreformista. O trecho do segundo exemplo também reforça a separação cristão/não cristão, já que houve subtração do termo “*con todos los christianos*” (“com todos os cristãos”).

No trecho do terceiro exemplo, que faz parte da narração da luta entre Narváez e Abindarráez, ressalta-se a

importância da vitória para Narváez por meio da valentia do mouro. Fosse o mouro fraco e derrotado pelos cavaleiros com os quais anteriormente lutara, talvez a vitória de Narváez não fosse de tamanha relevância. O que a torna mais triunfal e desejada é o fato de o mouro ser corajoso (para a luta), ou seja, a característica positiva (coragem) do “inimigo” serve para incitar o desejo de vencê-lo, de derrotá-lo. Essa ideia não é repetida na tradução, em que apenas se diz haver grande interesse de Narváez pela vitória. Contudo, mais adiante, o tradutor procede de forma inversa, quando encontramos, na história, a tradução de “*El esforçado Moro, no menos que el Alcayde la desseava*” (“o esforçado mouro não a desejava menos que o alcaide”) por “*Dem Mohren aber war an dem Sieg so viel zwar nicht*” (“contudo, para o mouro, esta vitória realmente não interessava tanto”), em que o tradutor – analisando o original e, logicamente, conhecendo suas partes posteriores – altera a caracterização do mouro. Uma justificativa para esse procedimento – informar que ao mouro não importava tanto nessa vitória – é muito provavelmente a forma de reação do mouro ao ser vencido e aprisionado por Narváez (apatia). Isso mostra a “recriação” da personagem por meio do contexto.

O quarto exemplo contém um trecho que revela ao mesmo tempo fidelidade e exagero por parte de Abindarráez. Na exclamação “*Y Alá me la quite si yo en algun tiempo tuviere sin ella otra cosa que me dé contento*” (“E Alá tire-a de mim se eu, alguma vez, puder ter alguma coisa que, a não ser ela, me dê contentamento”). O mouro, para dignificar o sentimento amoroso por Xarifa, confiante que é em Alá, pede para que sua amada lhe seja tirada, caso haja alguma outra coisa no mundo que lhe dê contentamento. Embora o cerne de sua exclamação seja o exagero do amor, não podemos fechar os olhos para o indício de religiosidade, aqui usado para intensificar seu sentimento. Entende-se que, para o mouro, Alá está acima de qualquer coisa, e é onipotente. O grau de amor do mouro por Xarifa é demonstrado na tradução, porém nenhuma

vez atrelado à religião, à religiosidade ou, ainda, a elementos religiosos.

No quinto exemplo, podemos, num primeiro momento, falar em substituição mais do que em subtração, já que o elemento subtraído “*en lengua Arabiga*” (“em língua árabe”) foi substituído pelo elemento adicionado “*Laut(en)*” (“alaúde”), instrumento relacionado à música do Oriente Médio e, mais precisamente, à música árabe. Assim, uma marca característica (a língua árabe) é substituída por outra (alaúde). Num segundo momento, se levarmos em consideração que em outras partes do livro faz-se menção ao alaúde, tocado por ninfas que não são mouras, o que faz que o alaúde seja visto como apenas mais um de inúmeros instrumentos usados para acompanhar as canções pastoris na obra de Montemayor, ele perde a característica de “instrumento peculiar ao mouro” e, com isso, não serve para caracterizá-lo de forma específica. Assim, não serve como elemento que substitui “língua árabe” e o que ocorre na tradução do trecho desse exemplo passa a ser, em vez de uma substituição, uma subtração.

Considerações finais

A obra *Los siete libros de la Diana*, de Jorge de Montemayor, foi escrita em 1559 e traduzida para o alemão por Johann Ludwig von Kuffstein, em 1619 – uma tradução abrigada na Alemanha do século XVII, em que os procedimentos de tradução estavam intimamente relacionados à Retórica, mais precisamente à imitação.

A imitação (emulação), em princípio utilizada como recurso para a absorção de conteúdos e formas de obras literárias da Antiguidade e do Renascimento na Alemanha no século XVII, passa, por meio da escolarização nos colégios e universidades, a definir a forma de construção da literatura em língua nacional na Alemanha: apropriar-se do discurso alheio e adaptá-lo conforme circunstâncias culturais e linguísticas, de forma que esse mesmo discurso pareça ter surgido originalmente na cultura alemã.

As adaptações ocorrem por meio da adição, subtração e substituição de ideias, dentre outras operações. Os trechos analisados nesta discussão, que serviram para mostrar a re- ou transcrição da personagem de Abindarráez, na história de Abindarráez, contêm subtrações.

Tratamos aqui de um caso específico, a saber, do delineamento do personagem Abindarráez (mouro) na tradução alemã, que ocorreu por meio de uma adaptação que visou, dentre outras coisas, ao apagamento das diferenças entre cristão/não cristão, fortemente marcadas (especialmente por meio de repetições) no original e amenizadas (por meio das subtrações) na tradução.

Além de buscar numa obra de outra literatura elementos até então não explorados na literatura alemã (princípio de Harsdörffer, que escreveu a esse respeito posteriormente), Kuffstein os adapta, sem comprometer a ideia original, criando espaços intermediários para sua representação em sua cultura. É o princípio da emulação, que regeu, por assim dizer, a maioria dos procedimentos de tradução na Alemanha no século XVII.

Referências

- BARNER, Wilfried. *Barockrhetorik: Untersuchungen zu ihren geschichtlichen Grundlagen*. 2. unveränderte Auflage. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2002.
- DYCK, Joachim. *Deutsche Barockpoetik und Rhetorische Tradition*. Berlin: Verlag Dr. Max Gehlen, Zürich: Bad Homburg von der Höhe, 1966.
- HARSDÖRFFER, Georg P. *Poetischer Trichter (1647-1653)*. Herausgegeben von Reginald Marquero. Berlin: Die Rabenpresse, 1939.
- HOFFMEISTER, Gerhart. *Die spanische Diana in Deutschland: vergleichende Untersuchungen zu Stilwandel und Weltbild des Schäferromans im 17. Jahrhundert*. Berlin: Erich Schmidt Verlag, 1973.
- KUFFSTEIN, Johann Ludwig. *Die Bücher der Schönen Diana*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1970.

MONTEMAYOR, Jorge de. *Los siete libros de la Diana*. 2.ed. Madrid: Espasa-Calpe, 1954.

MUJICA, Bárbara. *Iberian Pastoral Characters*. Scripta Humanistica 30. Washington D.C.: Library of Congress, 1986.

UEDING, Gert. *Historisches Wörterbuch der Rhetorik*. Herausgegeben von Gert Ueding. Tübingen: Max Niemeyer Verlag GmbH und Co. KG., 1992.